

**UM OLHAR HUMANIZADO DIANTE DA DIVERSIDADE RELIGIOSA E A PSICOLOGIA
COM ÊNFASE NA SINGULARIDADE DO SENTIR**Álvaro Cielo Mahl¹Chancarlyne Vivian²Francinara Alves Pereira³**Resumo**

O estudo aborda a relação entre psicologia e experiência religiosa, entendendo a fé como manifestação legítima do psiquismo humano. Assim, objetivo foi analisar como o amor, enquanto princípio ético e afetivo comum às tradições religiosas, contribui para o desenvolvimento psicossocial dos indivíduos e para a prática psicológica. A metodologia consistiu em entrevistas com cinco líderes religiosos de diferentes denominações, articuladas posteriormente com referenciais teóricos da psicologia da religião e do desenvolvimento humano. Os resultados revelaram que os rituais, a comunidade de fé e o princípio do amor fortalecem vínculos, promovem pertencimento e funcionam como recursos de enfrentamento emocional. Conclui-se que a análise realizada evidencia que a dimensão religiosa ocupa lugar significativo na constituição da subjetividade. A psicologia deve reconhecer a singularidade da vivência religiosa, evitando reducionismos e valorizando o amor como eixo integrador no acolhimento clínico e no desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Amor Universal; Diversidade de Crenças; Psicologia da Religião; Experiência Subjetiva; Desenvolvimento Psicossocial.

Introdução:

A relação entre psicologia e religião é fundamental para compreender como a fé participa da construção da subjetividade humana. Em uma sociedade marcada pela diversidade de crenças, torna-se necessário analisar como a vivência religiosa organiza afetos, sentidos e modos de enfrentamento diante dos desafios existenciais.

Este estudo busca articular os achados das entrevistas com líderes religiosos às contribuições da psicologia da religião e do desenvolvimento humano, considerando a fé como expressão legítima do psiquismo e elemento estruturante da identidade. Observa-se que valores espirituais, especialmente o amor, orientam práticas comunitárias e contribuem para a construção de vínculos e significados.

A pesquisa também se apoia em Ancona-Lopez (2002), que defende uma postura interdisciplinar capaz de evitar reducionismos e reconhecer a complexidade simbólica da experiência religiosa. Assim, destaca-se a importância de um olhar psicológico humanizado, ético e sensível à singularidade do sentir em contextos de diversidade religiosa.

Desenvolvimento:

Ao abordar a dimensão religiosa, a psicologia deve partir do pressuposto de que a fé constitui manifestação legítima do psiquismo. Azambuja, Bezerra e Ferreira (2018) destacam a importância de distinguir religiosidade, espiritualidade e religião para uma prática tecnicamente fundamentada. A análise dos dados empíricos mostra que, ao buscar uma religião, o indivíduo procura conexão e um referencial afetivo seguro, simbolizado pela ideia de amor. Nesse ponto, Ancona-Lopez (2002) reforça que tanto a psicologia quanto a religião se ocupam de questões humanas fundamentais sofrimento, sentido e transcendência e que, apesar de possuírem métodos distintos, partilham o interesse pelo cuidado com a existência. Assim, compreender a

fé como expressão válida da experiência humana significa reconhecer que ela integra modos de significação que não podem ser reduzidos exclusivamente a categorias psicopatológicas ou científicas.

Os relatos dos líderes sobre encontros e rituais revelam a intensidade do vínculo comunitário. Essa entrega pode ser compreendida como busca por pertencimento e por um estado de dissolução das tensões egóicas em algo maior, o que promove acolhimento e sentido. É nesse espaço de fé que muitos sujeitos procuram se reencontrar, reconstruindo identidades e reorganizando experiências de vida sob uma perspectiva de significado e transcendência. Ancona-Lopez (2002) explica que, mesmo que a Psicologia não compartilhe as crenças religiosas, pode reconhecer o valor emocional e simbólico dessas práticas, pois elas estruturam a experiência subjetiva, servem como continente psíquico e funcionam como matriz de organização afetiva. A psicologia deve, portanto, acolher a religiosidade como recurso de enfrentamento. O risco reside na patologização das crenças. Como enfatizam Azambuja, Bezerra e Ferreira (2018), não cabe ao psicólogo emitir juízo de valor sobre a fé, mas investigar sua função no bem-estar e na saúde mental do sujeito. A ética do amor, presente em diferentes tradições, pode agir como fator protetivo quando vivida de modo integrado e não coercitivo. O artigo de Ancona-Lopez (2002) aprofunda essa discussão ao afirmar que a psicologia deve evitar dois extremos: o reducionismo, que interpreta a religião como ilusão ou doença; e a adesão acrítica, que romantiza a fé. O lugar ético da psicologia está na escuta fenomenológica, que considera a experiência religiosa tal como o sujeito a vive, buscando compreender seu significado psicológico e suas repercussões na constituição do self. No campo do desenvolvimento humano, Papalia e Martorell (2022) afirmam que mudanças e estabilidades nos domínios físico, cognitivo e psicossocial moldam a trajetória de vida. A religião insere-se especialmente no domínio psicossocial, influenciando identidade, moralidade e socialização. O princípio do amor, destacado pelos líderes, contribui para a formação da empatia e da moralidade. Essa função reguladora é compatível com o que Ancona-Lopez (2002) descreve como a capacidade da religião de oferecer narrativas que

organizam a experiência humana, auxiliando na integração de perdas, dúvidas e transições. Desse modo, a vivência religiosa pode potencializar a resiliência e promover senso de direção e continuidade existencial ao longo do ciclo vital.

A singularidade do sentir torna-se, assim, eixo essencial para a clínica psicológica. Embora a busca por sentido seja universal, a forma como cada indivíduo constrói sua relação com o transcendente é única. O olhar humanizado do profissional deve avaliar se a prática religiosa promove integração e crescimento ou se gera conflitos e sofrimento psíquico. Reconhecer a diversidade, sob a ética do amor, constitui um ato de respeito ao desenvolvimento integral do ser humano. Ancona-Lopez (2002) reforça que essa compreensão exige uma postura ética que reconheça a diferença entre os métodos e objetivos da psicologia e da religião, sem hierarquizar uma sobre a outra. Trata-se de reconhecer que ambas podem coexistir como caminhos distintos, porém complementares, para lidar com questões fundamentais da existência. Essa perspectiva fortalece a atuação clínica que acolhe, legitima e compreende a experiência religiosa do sujeito como parte essencial de sua história e de seu processo de desenvolvimento.

Considerações Finais:

A dimensão religiosa ocupa lugar significativo na constituição da subjetividade, oferecendo ao indivíduo não apenas um sistema de crenças, mas também um espaço de acolhimento afetivo e de reconstrução de sentido. Os resultados obtidos a partir das entrevistas com líderes religiosos demonstram que o amor, enquanto princípio ético universal, atravessa diferentes tradições e emerge como força organizadora das experiências de fé, contribuindo para o pertencimento, para a elaboração de conflitos e para o fortalecimento dos vínculos comunitários.

Constata-se, portanto, que a psicologia, ao dialogar com a religião, precisa manter uma postura ética, evitando tanto o reducionismo científico quanto a adesão acrítica às crenças. A escuta sensível proposta pela abordagem fenomenológica, baseada na singularidade do sentir, oferece um caminho

fecundo para compreender como a fé se articula com os processos de desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. Diante disso, reafirma-se que a diversidade religiosa, quando compreendida sob a ótica da ética, constitui um campo de recursos simbólicos, emocionais e relacionais de alto valor para o trabalho clínico e para a promoção da saúde mental.

Assim, reconhecer a experiência religiosa como via possível de construção de sentido e de fortalecimento psicossocial é essencial para uma prática psicológica humanizada. A fé, vivida de forma integrada e não coercitiva, pode atuar como suporte afetivo, auxiliar na organização interna do sujeito e favorecer processos de resiliência e continuidade existencial.

Referências:

ANCONA-LOPEZ, Marília. Psicologia e religião: recursos para construção do conhecimento. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 19, n. 2, p. 78-85, maio/ago. 2002

AZAMBUJA, C. S.; BEZERRA, N. E. S.; FERREIRA, P. R. *Religião e psicologia*. Curitiba: InterSaberes, 2018.

PAPALIA, D. E.; MARTORELL, G. *Desenvolvimento humano*. 14. ed. Porto Alegre: Artmed, 2022.

francinarabio@gmail.com

chancarlyne.vivian@unoesc.edu.br

psicologia.pzo@unoesc.edu.br